



1. Arquiteta doutorada na Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid, professora auxiliar na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Polo Universitário, Alto da Ajuda. E-mail: soledade.sousa23@gmail.com.

2. Arquiteto doutorado na Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa. Professor auxiliar na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Polo Universitário, Alto da Ajuda. E-mail: mbaptistabastos@yahoo.com.

DOI: 10.5752/P.2316-1752.2015v22n31p54

# **O TEMPO E A DIFERENÇA: ANÁLISE E READAPTAÇÃO NUM EDIFÍCIO EM LISBOA**

*TIME AND DIFFERENCE: ANALYSIS AND READAPTATION  
IN A BUILDING OF LISBON*

*TIEMPO Y DIFERENCIA: ANÁLISIS Y ADAPTACIÓN EN UN EDIFICIO  
DE LISBOA*

Soledade Paiva de Sousa<sup>1</sup>  
Miguel Baptista-Bastos<sup>2</sup>

## **Resumo**

Qualquer interpretação tida sobre a Arquitetura vai-se transfigurando ao longo do tempo; essa transformação é realizada pela distanciação temporal, analisada consciente e inconscientemente pelo seu observador. O acontecimento que irá ser demonstrado neste texto comprovará o que foi escrito, pois a passagem do tempo influenciou duas apreciações sobre um edifício em Lisboa. A metodologia da primeira foi estabelecida por leituras de dados objetivos, tais como a relação entre planos e a estrutura de suporte, numa tese de doutoramento. A segunda foi definida dez anos depois, incorporando a informação recolhida anteriormente com dados mais subjetivos, durante um projeto de alterações no seu interior. A execução duma obra de remodelação foi determinante para a segunda análise, onde as modificações efetuadas devido às circunstâncias e a diferente interação do observador geraram deduções semelhantes, conjugadas com sensações totalmente opostas.

**Palavras-chave:** Arquitetura. Análise. Conversão. Tempo.

## **Abstract**

Any interpretation of architecture changes over time due to temporal distancing, consciously and unconsciously analyzed, by the observer. The experience that will be demonstrated in this text will underline this statement because the passage of time has influenced two analyses of one building in Lisbon. The methodology of the first was established by reading objective data, such as the relationship between surfaces and supporting framework, in a doctoral thesis. The second was carried out ten years later, complementing the previous information with more subjective data, during alterations to the interior design in one of its apartments. The execution of the renovation work was crucial to the second analysis, where the changes made due to circumstances and the different interaction of the observer generated similar deductions, combined with totally opposite sensations.

**Keywords:** Architecture. Analysis. Convert. Time.

## **Resumen**

La interpretación sobre arquitectura puede transfigurarse a lo largo del tiempo: esa transformación es desarrollada a través de la distancia temporal, analizada consciente e inconscientemente por el observador. La experiencia que será demostrada en este texto comprovará lo que fue expuesto, pues el pasaje del tiempo influyó dos análisis sobre un edificio en Lisboa. La metodología del primero fue establecida por lectura de datos objetivos, tales como la relación entre planos y estructura sustentante, en una tesis de doctorado. El segundo fue realizado diez años después, incorporando la información anterior con datos más subjetivos, durante un proyecto arquitectónico en su interior. La ejecución de una obra de rehabilitación fue determinante para el segundo análisis, donde las modificaciones efectuadas debido a las circunstancias y a la diferente interacción del observador generaron deducciones semejantes, conectadas con sensaciones totalmente opuestas.

**Palabras clave:** Arquitectura. Análisis. Conversión. Tiempo.

## Introdução

Durante um determinado período, gerou-se uma feliz coincidência, originada pelo cruzamento entre o estudo de um edifício para a elaboração duma tese de doutoramento, em 2002 (SOUZA, 2007), e a realização, em 2012, de um projeto de alterações num apartamento localizado no seu interior. Dez anos de diferença conduziram a uma modificação dos juízos criados, dependentes das condições envolventes durante as duas ações relacionadas com a mesma obra, localizada em Lisboa, no número 102 da Avenida Estados Unidos da América.

No ano de 2012, após sucessivas e contínuas visitas ao apartamento estudado teoricamente em 2002, deu-se uma tomada de consciência duma série de impressões e sensações obtidas. Estas foram extremamente importantes para o entendimento da objetividade pretendida em 2002. Nesse sentido, o estudo teórico investigado na tese de doutoramento não ficou completo, verificando-se a subjetividade de uma interpretação influenciada pela reação contra os diversos elogios que a História da Arquitetura portuguesa foi atribuindo, considerados na altura exagerados e pouco adequados. Havia, assim, nessa fase, uma rejeição à utilização da adjetivação como instrumento nos textos históricos: eram tidos como termos difíceis para classificar a arquitetura.

As opiniões sobre as análises relacionadas com a investigação da tese de doutoramento e a posterior reabilitação *in loco* ao edifício examinado teoricamente foram determinantes, alterando a ideia sobre uma em relação ao juízo feito na outra, edificando conceitos, até à altura, não tidos em conta acerca da obra em si. O documento escrito do doutoramento perscrutava a história na enumeração das características do edificado. A posterior visita ao lugar compôs a informação adquirida anteriormente, recapitulando toda a análise estruturada e conectando com a ação da reorganização e reabilitação de uma tipologia.

O estudo do edifício em 2002 foi claramente influenciado pelo método lógico-dedutivo de indagar e interpretar de Colin Rowe<sup>3</sup> (1999), para a estruturação do esquema de observação e obtenção de dados empíricos. Os critérios analíticos de Rowe sobre a dinâmica da forma e o seu processo de investigação da confrontação geométrica comparada entre plantas, cortes e alçados, foram um apoio para a observação dos dados físicos da obra, pois refletiram sobre a articulação entre a planificação espacial e a estrutura de suporte que se tornaram independentes no século XX.

Pelo método exposto, pretendia-se demonstrar que a modernidade e o racionalismo,<sup>4</sup> determinados pela História da Arquitetura portuguesa,<sup>5</sup> não eram exatos, e que a obra (principalmente no seu interior) apresentava características de uma Arquitetura anterior (denominada de “tradicional”), oposta ao estilo internacional (HITCHCOCK; JOHNSON, 1984).<sup>6</sup>

A clareza dos conteúdos exposta no livro de Hitchcock e Philip Johnson, editado no início dos anos 30 do século XX, permitiu constituir uma referência para vários autores, tal como foi o caso de Rowe,<sup>7</sup> para, desse modo, definir as modificações na Arqui-

3. As indagações de Colin Rowe sobre La estructura de Chicago (texto de 1956 retirado do livro *Manierismo y arquitectura moderna*) serviram de diretiva para a formulação duma série de questões. Nesse texto (1999, p. 91-109), o autor não só analisou o papel do plano, como estudou a enorme influência que o desenho da grelha estrutural teve na construção de um edifício em todas as partes do seu projeto, nas décadas de 20 e 30 do século XX. Demonstra a sua consequente representação simbólica na Arquitetura europeia, concluindo que a estrutura reticulada corresponde a uma das essências da Arquitetura moderna.

4. A palavra racionalismo, comumente usada para definir atributos da Arquitetura, adquire um significado próprio: a procura da ordem e da norma em todas as etapas do projeto, que se refletem claramente na exatidão das relações geométricas.

5. Almeida (1998); Tostões (1997); Duarte (1986) e Rosa de Carvalho (2002).

6. No livro *O Estilo Internacional*, Henry Hitchcock e Philip Johnson determinam características ao estilo internacional por oposição ao que denominam Arquitetura tradicional, Arquitetura do passado, desenvolvida com o apoio de paredes estruturais: “La gran masa de la arquitectura del pasado era entendida como algo gravitatorio: superficie e interior eran una misma cosa” (1984, p. 60). A transição entre o passado e o estilo internacional é determinada pelos autores como semimoderna, por exemplo: a que ainda transmite a gravidade da massa e, ao mesmo tempo, configura algumas características da Arquitetura moderna como os *pilotis* ou a cobertura plana.

7. Colin Rowe admite o estilo internacional como caracterizador da Arquitetura moderna.

tetura derivadas do movimento moderno. Por meio de suas palavras, o processo de investigação tentava identificar na obra as características opostas – aquilo que os escritores discriminavam por traições, como o resultado de lacunas ou descuidos.

Conseqüentemente, com o apoio de Rowe, estudou-se a relação entre o exterior e o interior, observando a existência ou negação das características e especificidades do modernismo, circunscritas pela história da Arquitetura. O processo questionava a relação entre a representação do exterior e a generalidade da idealização projetiva, examinando como os pormenores se articulam no conjunto. A devida conexão entre espaço e estrutura de suporte permitia uma leitura mais objetiva sobre as diretrizes e a tendência do projeto.

Na posterior análise ao edifício (em 2012), deparou-se em duas contrariedades, que curiosamente se completavam. O projeto de alterações procurou transportar a aparente modernidade externa para o interior. Essa ação convergia com as interpretações da tese, considerando também que o apartamento apresentava uma organização “tradicional”, mais relacionada com o século XIX. Porém o observador adquiriu um movimento que contrariava o olhar objetivo e estático da fase anterior. Os seus sentidos foram integrados, descobrindo as dissonâncias internas como um estímulo, imaginando as diversas possibilidades de interagir.

## Estudo do bloco 100/102 em 2002<sup>8</sup>

### Descrição

O processo descritivo do edifício constituiu uma referência basilar, objetiva e essencial para as análises, interpretações e conseqüentes críticas sobre a obra. Na tese de doutoramento, procurou-se um método de investigação por um conjunto de obras entre os anos 1953 a 1963, consideradas significativas para o estudo da influência na habitação em Lisboa, do 1º Congresso de Arquitetos Portugueses de 1948.

Em cada um dos exemplos, começou-se por uma apresentação dos intervenientes e uma descrição relacionada com o interior e exterior do edifício.

**Ano do Projeto:** 1952 / 1953

**Localização:** Bairro de Alvalade; cruzamento da Avenida dos Estados Unidos da América com a Avenida Roma.

**Arquitetos:** Filipe N. Figueiredo (1913-1989/90?) e José de Almeida Segurado (1913-1988). Ambos tinham 40 anos quando projetaram o edifício.

**Estruturas:** engenheiros João José Lourenço de Azevedo e José A. F. do Prado Quintino.

**Cliente:** Promotor do conjunto – Câmara Municipal de Lisboa.

**Tipo de ocupação:** edificação de habitação para arrendar – classe média.

**Estrutura:** a edificação é fundada por uma estrutura reticulada em concreto armado, composta por lajes em duas direções, apoiadas por quatro vigas e pilares.

8. Texto baseado na tese de doutoramento de Soledade Paiva de Sousa (2007).

Estrutura ortogonal e regular, suportada pelos pilares no corpo central do edificado (as escadas encontram-se nas extremidades dos dois edifícios, permitindo uma uniformidade estrutural). A estrutura é visível no piso térreo, com pilares exteriores revestidos a pedra na frontaria. A cobertura é plana e em terraço.

**Descrição geral do exterior:** volume central está parcialmente suportado sobre *pilotis*. A fachada é marcada por uma malha de varandas suspensas e elementos verticais de concreto. Os elementos vazados de cimento pintado de branco em forma de quadrícula (cobogós), que possibilitam uma maior ventilação interior, correspondem às cozinhas e estabelecem uma simetria na configuração da malha (FIG. 1). Essa composição encontra-se enquadrada por uma superfície de cor magenta, correspondendo à moldura compositiva do corpo central.

Os volumes laterais constituem-se através dum corpo do núcleo de circulação vertical, composto por uma trama formada de pequenas aberturas, e dos volumes de sete pisos que englobam varandas corridas em consola (FIG. 2).

## Representação exterior

Durante a investigação da tese, verificou-se que os historiadores do referido congresso de arquitetos dividiram-se em dois grupos divergentes, ou seja: enquanto o primeiro defendia que o congresso introduziu a Arquitetura moderna em Lisboa (ver citações em 2.4), o segundo considerava que essa introdução foi superficial e que os arquitetos continuavam sempre comprometidos nos seus projetos por estruturas mais convencionais, com influências do século XIX. Pedro Vieira de Almeida (1986, p. 138-145) assegurava que a adesão às características “modernas” foi apressada e pouco estudada.

Na sequência dessa descoberta e seguindo a intenção de exemplificar o que se foi averiguando, após as descrições dos edifícios, desenvolveu-se uma análise do exterior, procurando demonstrar a sua representação.

A preocupação principal do projeto é dirigida para a composição das quatro esquinas do cruzamento entre as avenidas de Roma e EUA<sup>9</sup> (ver FIG. 3). O que caracteriza o conjunto (englobando o bloco 100/102) é a sua relação volumétrica com a envolvente, isto é, o destaque que os volumes construídos obtêm na escala da cidade. Todo o entusiasmo utilizado para descrever os edifícios (ver em 2.4, citações sobre a obra) deve-se essencialmente ao impacto que produzem no bairro de Alvalade. São facilmente identificáveis pelo movimento da sua posição no cruzamento, pela composição exterior nas fachadas e a cor magenta que os unifica, destacando-se e favorecendo estas esquinas das duas avenidas.

Numa visão geral, os edifícios aparentam uma tendência para a regularidade, pela existência da malha das varandas no corpo principal dos quatro blocos: o tratamento exterior do corpo central, a retícula, os cobogós e os pilares soltos no piso 0 expõem uma aparência semelhante aos modelos sul-americanos dos blocos isolados sobre *pilotis* (os paradigmas modernos).

9. “[...] edifícios que, pelo seu volume e situação, serão sem dúvida os elementos primordiais da composição geral deste cruzamento” (SEGURADO; FIGUEIREDO, 1953, p. 1).



Figura 1 e 2 • Bloco 100/102.

Fonte: Soledade Sousa.



Figura 3 • Conjunto dos quatro edifícios na Av. EUA, Lisboa.

Fonte: Soledade Sousa.



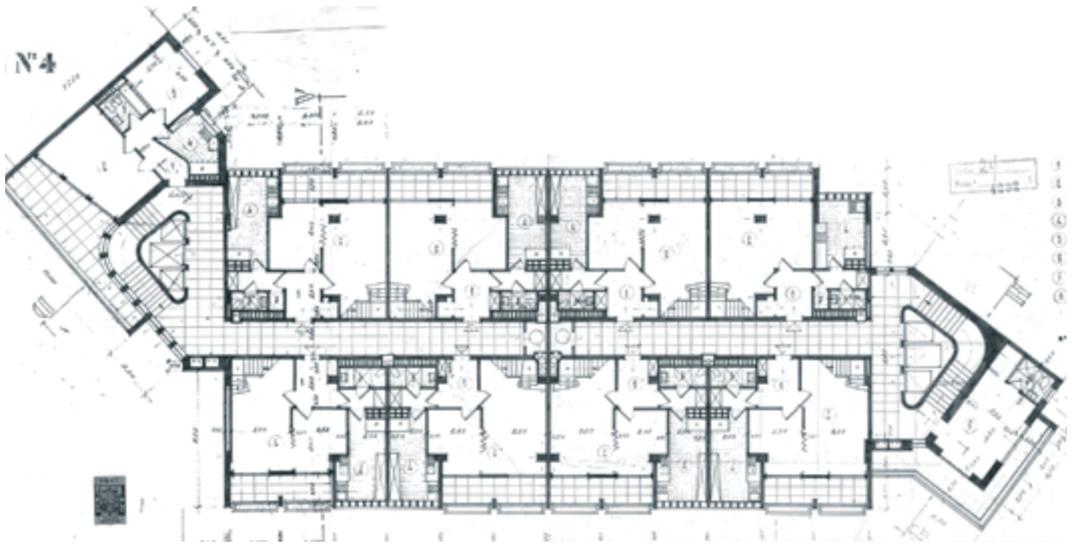


Figura 4 • Planta do piso das entradas dos duplexes.

Fonte: Soledade Sousa; desenhos sobre plantas do arquivo da CML.

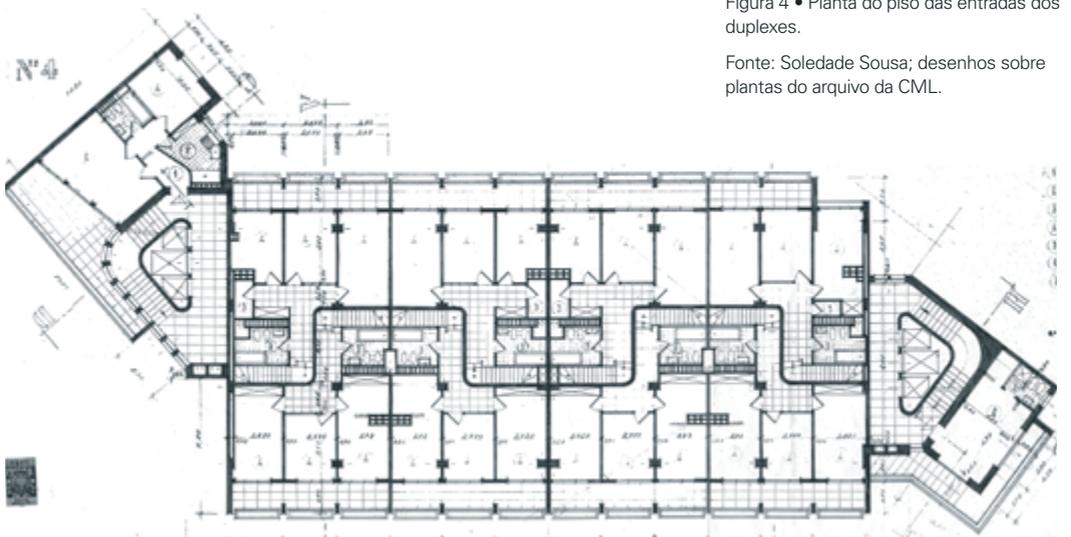
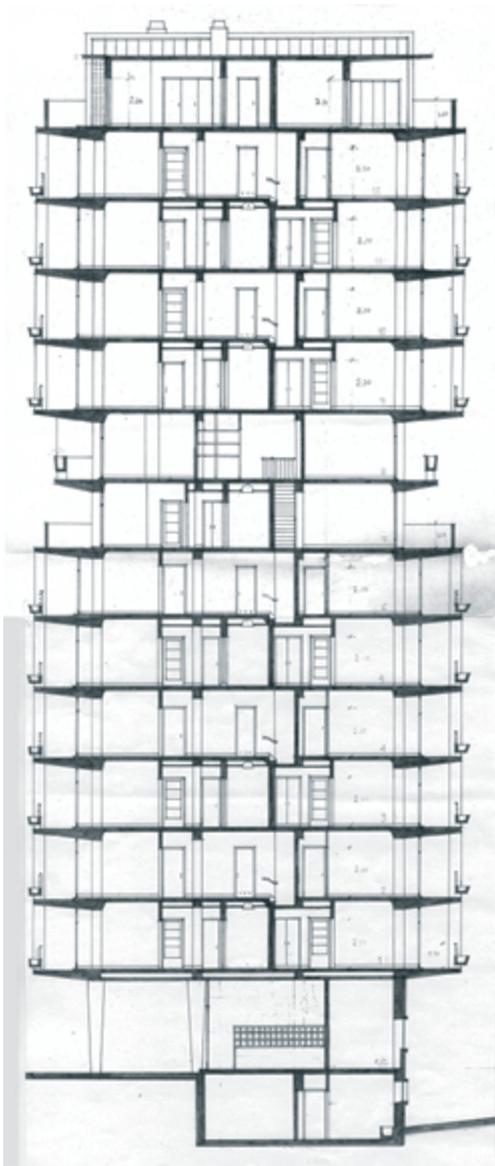


Figura 5 • Planta dos pisos superiores dos duplexes.

Fonte: Soledade Sousa; desenhos sobre plantas do arquivo da CML.

Numa visão mais próxima, o bloco 100/102 contém várias composições modulares, associadas a um grande agregado de formas: diferentes funções internas geram volumes diferentes. Desenvolve-se, assim, uma diversidade externa que mostra uma junção entre uniformidade e pluralidade, e entre regularidade e irregularidade: parece um edifício fragmentado e contraditório.

A elevação da malha do volume central e o revestimento na cor magenta das superfícies que emolduram a malha contribuem para demonstrar, no exterior, princípios de regularidade e de volumetria análogos ao do estilo internacional, mas são contrapostos pelos corpos laterais, pela justaposição de várias formas e pela adoção de detalhes que não acentuam nem atribuem leveza dos elementos arquitetônicos – o efeito de “ligeireza” num edifício é possivelmente o mais sintomático do “estilo internacional”.



## Organização espacial e estrutura de suporte

Dado que a estrutura de concreto teve um papel preponderante no século XX, o seu estudo e a relação com espaço constituíram valores importantes para o método crítico de análises aos edifícios apresentados na tese.

Assim, através da descrição inicial, na obra interpretou-se a relação entre o espaço e a estrutura, tendo como apoio o método lógico-dedutivo de Colin Rowe (1999, 1956), apresentado na introdução.

Neste exemplo, as relações entre a configuração do espaço e a estrutura de suporte são marcadas pela malha dos corpos centrais dos quatro blocos e pelos pilares soltos no piso 0, gerando uma distribuição regular.

A organização dos módulos das habitações rege-se pela malha da fachada, que, por sua vez, relaciona-se com a estrutura de

Figura 6 • Corte transversal.

Fonte: Soledade Sousa; desenhos sobre plantas do arquivo da CML.

suporte. A repetição desses elementos simula uma aparente planificação que não se reflete quando analisamos o interior dos apartamentos.

Nas habitações, o projeto contém soluções pouco compreensíveis que derivam de uma organização complicada, tentando criar várias conexões que depois se deparam descontínuas e pouco claras, parecendo casuais. Algumas das relações entre os diversos elementos manifestam, no geral, pouco rigor e confundem a leitura, por exemplo: as escadas dos duplexes são propositadamente infletidas com o propósito de conectar os dois pisos do apartamento (FIG. 4 e 5), pois o andar superior não se encontra em cima do inferior; essa solução tem como consequência muita ocupação da área habitacional, originando uma circulação excessivamente enredada no segundo piso: o “curvar” a ligação de duas paredes para resolver o problema de que a sua união aproximar-se-ia demasiado do pilar, e impediria a passagem no corredor, sugere um gesto fácil.

A estrutura de suporte é independente da planificação espacial no corpo principal. Parte dos planos não se encontra relacionada com o trajeto das vigas e com a posição dos pilares; mas não se entende essa separação porque não se tirou proveito da liberdade do desenho das paredes.

Por exemplo, a relação entre a circulação geral dos duplexes (FIG. 6), colocada no eixo longitudinal do bloco, com a estrutura reticulada, criou uma aproximação dos pilares às paredes desse corredor central, que dificulta a organização das habitações. Desse modo, gerou-se um conflito entre a simetria da galeria interna e a distribuição regular dos vãos estruturais.

A separação entre os pilares e o plano das janelas exteriores teria como primeira intenção criar uma superfície contínua envidraçada que não foi desenvolvida *a posteriori*; constituiu uma das únicas preocupações internas pela clarificação do plano na organização do espaço. No geral, utilizam a independência das paredes sem uma razão aparente e nenhum interesse pelo plano ou pelo espaço.

Por conseguinte, é criada uma imprecisão entre a estrutura regular e a ordenação das habitações. O interior dos apartamentos mostra certa relação com a denominada “maneira clássica”<sup>10</sup> em organizar os espaços, ao criar uma articulação de planos com conexões pouco claras. Na “maneira clássica”, as áreas apresentavam diferentes tamanhos, com uma sucessão mais ou menos proporcional, que dependia da sua função e das paredes estruturais, originando uma relação labiríntica entre compartimentos e corredores; nalgumas situações, a conexão era realizada diretamente de um espaço para outro.

## Relação espaço/estrutura com o exterior

Finalmente, a parte mais determinante para o método de análise dos edifícios inseridos na tese: o cruzamento dos dados anteriores. A interseção, a relação entre espaço, a estrutura de suporte e a representação do exterior geraram um conjunto de interpretações relevantes para os objetivos da tese: o edifício é semimoderno?

10. João Simões (1908-1995), defensor da Arquitetura moderna no 1º Congresso de Arquitetos Portugueses, em 1948, manifesta, no final da década de 1980, que existiam dois métodos de projetar e confessa que utilizava ambos conforme as circunstâncias, “[...] Sentia-me à vontade para fazer desde a Arquitetura clássica à Arquitetura moderna daquele tempo” (SIMÕES, 1989, p. 8).

Nesse processo final, cruzou-se também a interseção anterior com a História da Arquitetura de Lisboa, exemplificando com algumas citações das análises desse exemplo (é nesse cruzamento que se verifica mais a subjetividade da tese). As interpretações realizadas em 2002 consideraram inadequados os elogios e as caracterizações feitas pelos historiadores. O estudo posterior, de 2012, ainda que continuasse a concordar com essa reação, adquiriu uma nova visão ao compreender que as contradições retratadas anteriormente eram potenciais para novas especialidades.

Todo o conjunto é muito estimulante, pelo efeito visual dos blocos oblíquos nas quatro esquinas e pela justaposição de formas, que tanto agrada à divulgação arquitetônica representada nas seguintes citações:

*A) Os edifícios exibem um tratamento exterior de grande plasticidade, [...] Ao tempo esta obra foi um paradigma de inserção de um modelo moderno, uma espécie de unidade de habitação... (ALMEIDA, 1998, p. 198).*

*B) [...] solução típica de "unidade de habitação": galerias interiores, habitações mínimas, duplex, terraços utilizáveis. [...] A vibrante expressão formal desenvolvida com um rigoroso profissionalismo (TOSTÕES, 1997, p. 73).*

*C) Destacam-se como obras mais importantes de este período de influência racionalista [...] (DUARTE, 1986, p. 16).*

*D) [...] notável conjunto dos blocos do cruzamento da Av. de Roma com a Av. dos Estados Unidos de América (CARVALHO, 2002, p. 56).*

Os edifícios (pela malha da fachada e pelos pilares visíveis, pelo terraço superior e pela distribuição das habitações em duplex) são relacionados com os modelos modernos: "um paradigma de inserção de um modelo moderno" (ver citação A); "solução típica de 'unidade de habitação'" (ver citação B) e com o "racionalismo" (ver citação C), mas:

1) As propriedades atribuídas à configuração do espaço do "racionalismo", tais como: a ordem, a norma, a regra, a exatidão e a clareza, são pouco visíveis nesse edifício. É verificada uma pluralidade sem um método visível, pois não aparentam uma intenção de contrariar a ordem nem a unidade com as alterações introduzidas. A uniformidade e o "racionalismo" atribuídos pela História são essencialmente aparentes.

2) Os vários volumes dos edifícios foram adicionados sem uma definição na transição entre eles. Essa justaposição produz certa correspondência com algumas das críticas sobre os "semimodernos": "Amontonan bloques como si estuvieran creando la pesada arquitectura de antaño" (HITCHCOCK; JOHNSON, 1984, p. 83).

3) Os desenhos do projeto parecem mostrar o contrário. Na generalidade, a construção faz lembrar os modelos dos edifícios sobre *pilotis*, mas os volumes associados e a organização do espaço contrariam a clareza desses modelos. Se comparamos esse edifício com as obras brasileiras, ou

com as unidades de habitação em Marselha ou Berlim de Le Corbusier,<sup>11</sup> encontramos algumas características similares (estrutura regular, terraço e *pilotis* no corpo central) e outras opostas (não tem a ordem flexível, clara e versátil) desses exemplos.

4) A potência expressiva na clarificação do plano, um atributo assinalado nos anos 40 do século passado por Sigfried Giedion<sup>12</sup> (2004), como inerente à Arquitetura moderna, é somente perceptível nalguns pontos do exterior: as superfícies vermelhas, as gelosias. No interior, não se verifica essa distinção do plano.

5) A obra reflete uma “suavização” do Movimento Moderno (identificado no livro *Estilo Internacional*), mediante a incorporação de detalhes com características opostas e na associação entre a configuração “clássica” do espaço, relacionada com a estrutura “tradicional”, e a configuração da Arquitetura moderna, relacionada com a estrutura reticulada, que estabelece relações entre todas as partes.

A conexão atribuída pelas citações com o “estilo internacional” ou com “racionalismo” é pouco segura, pois é baseada essencialmente em determinadas características mais evidentes dos blocos.

A apropriação inicial da “máscara” externa, a malha e a superfície vermelha que elevam o volume, como uma representação da Arquitetura moderna, não é indiferente à estrutura de suporte, mas é dissipada com o desenvolvimento do projeto no exterior e principalmente na organização interna.

Mesmo que a organização do revestimento exterior do corpo central espelhe a primazia da estrutura na planificação do projeto (já que a aparência da retícula supõe uma predileção pela armadura estrutural), as plantas e os cortes quase demonstram o contrário. A estrutura não estabelece um sistema com o qual se relacionam todos os elementos: ainda que contenha uma estrutura regular na parte central, não se pode determinar que a organização seja regida pelo princípio da regularidade formal, nem que a oposição à regularidade seja intencional no projeto.

## Projeto de alterações, 2012

### O existente

As características das partes comuns do interior do edifício conduziram aos resultados das duas observações: primeiro foram divergentes e depois convergentes. Nas duas etapas, os elevadores constituíram o foco de atenção, formando uma “ilha” completamente rodeada pelas escadas. A iluminação natural filtrada pelas pequenas aberturas da grelha, conjugada com o desenho espacial, acentua esse foco. Em 2002, toda essa atenção esmoreceu, ao verificar-se que o desenho da ilha não estava controlado. A largura da escada não é constante, originando uma passagem apertada junto à entrada dos apartamentos laterais. Esse desacerto desconcerta e dificulta o movimento da descensão.

Na segunda análise, esse “descuido” perdeu relevância. A profusão de diversos pormenores elegantes e a forte presença da

11. Ana Tostões menciona que o bloco de Marselha teve uma grande influência nessa geração mais jovem da década de 1950 (TOSTÕES, 1997. p. 43).

12. Giedion destaca que a Arquitetura traduz uma nova descoberta, a potência expressiva da superfície simples; a conquista da superfície que se contrapõe aos relevos mais ou menos colados à parede. Nas várias leituras elaboradas por esse autor sobre a Escola de Chicago, sobre o Neoplasticismo, sobre as obras de Gropius, Le Corbusier ou Mies, percebe-se essa incidência, e distinção, do predomínio das superfícies planas. Verifica que os edifícios pretendem relações puras, retângulos e linhas numa relação de mútua dependência; os elementos agrupam-se num perfeito equilíbrio, com uma clareza intencional e uma busca de unidade (GIEDION, 2004).

“ilha” foram o bastante para facilmente se superar a crítica anterior. Nesse instante, o autor abandonou o papel do crítico. Todavia, durante a obra, foi necessário utilizar diversas vezes as escadas, e o desacerto obteve novamente relevância: o que antes tinha sido avaliado essencialmente numa planta foi posteriormente avaliado com os sentidos, chegando ao mesmo resultado.

O apartamento, ligeiramente diferente do estudado em 2002<sup>13</sup> (FIG. 8 a 10), era tão intrincado como o primeiro projeto dos autores, com as escadas estreitas em “u” pouco funcionais, que se cruzam com as do vizinho, gerando espaços residuais nos pisos superiores e inferiores. Mas, na nova aproximação à obra, o emaranhado tornou-se um desafio; foram as características consideradas negativas que tornaram a edificação estimulante, constituindo a contradição e o inesperado da Arquitetura.

Logo na primeira visita, o observador sentiu uma atitude diferente à anterior: a escada torcida e encerrada entre paredes, alheia aos paradigmas “modernos”, foi um polo de atração. O dimensionamento diminuto da sua largura acentuava o seu grande pé-direito, levando o olhar para o alto.

A escada passou a ser encarada de uma forma diferente pela oportunidade de ser alterada. Na tese, ela era observada no seu passado, intocável, analisando a composição oposta à representação exterior do edifício. No projeto, os objetivos eram totalmente diversos, dado que as suas características negativas poderiam ser otimizadas. Em suma, iniciou-se a visita à obra com a convicção de que as complicações eram oportunidades.

Se o proprietário anterior do duplex não tivesse iniciado algumas demolições, o apartamento teria permanecido no seu estado original. No piso 0 tinham retirado todas as portas e aduelas, todo o equipamento da cozinha e da IS localizada por debaixo da escada de outro apartamento (o duplex simétrico). As caixilharias exteriores em ambos os pisos eram de origem, mas se encontravam em muito mau estado e abriam para o exterior de uma forma pouco funcional.

Como as escadas estavam totalmente limitadas por paredes, no piso inferior, uma dessas paredes continha uma pequena abertura com tijolo de vidro pouco favorecedora. Ainda que levasse alguma luz natural para o interior das escadas, a luz era pouco intensa, pois provinha do corredor que ligava a sala à cozinha (ver planta na FIG. 8 e fotografia na FIG. 23).

O piso superior estava totalmente demolido, restando somente uma parede e as caixilharias exteriores (o desenho do levantamento apresenta as paredes demolidas, FIG. 7 e 8). A IS nesse piso assim como a do piso inferior tinham uma distribuição pouco prática. Apesar da demolição, restavam vestígios no pavimento da localização dos equipamentos sanitários: o lavatório do piso 0 localizava-se no corredor, junto à cozinha; os sanitários do piso 1 posicionavam-se nos recantos possíveis, para não impedir o movimento.

Os pavimentos nos dois pisos e nas escadas eram de madeira; provavelmente mogno. As escadas eram revestidas com tábuas corridas e os pavimentos com taco tradicional 210 x 70, colado na betonilha.

13. As plantas atuais são diferentes das estudadas anteriormente. As primeiras correspondem à fase final do projeto, e as do levantamento correspondem às alterações realizadas durante a obra. Ainda que diferentes (a I.S. do piso superior do projeto tem um desenho mais bem definido), contêm os mesmos atributos.

O interior era fortemente marcado pela escada em U com o seu amplo pé-direito e pelos pilares de concreto armado que tinham uma dimensão muito grande para o espaço onde estavam inseridos. Devido à demolição do piso superior, a relação entre pilares e paredes criticada na tese de doutoramento foi essencialmente sentida no piso da entrada. As vigas no piso 0 encontravam-se ocultas por tetos falsos ou revelavam-se em saliências nas paredes. As lajes dos tetos dos dois pisos eram mais baixas na proximidade da fachada, correspondendo ao reforço das consolas das varandas (ver FIG. 7).

## O projeto

As características tradicionais, relacionadas com uma arquitetura mais robusta, perene, constituída por paredes estruturais, e as suas contradições com as do exterior, deixaram de ser tão proeminentes. Contudo a conjugação com a leveza e com a estrutura reticulada independente das paredes traçou várias situações adversas ao projetista para obter uma organização eficiente. Ou seja, a relação antagónica entre a fachada e a organização interna estudada anteriormente continuava como algo estranho.

Por isso se regressou à tese, e o projeto procurou levar a modernidade da sua representação externa, descrita pelos historiadores, para o interior, almejando a “planta livre” que não existia em 1956.

O olhar de 2012 estava inicialmente esquecido da análise crítica de 2002 e, de certa forma, acompanhava o fascínio geral da história, oposto às categorizações da tese.

Ao longo do processo, a informação foi partilhada com outros arquitetos; havia um interesse em debater acerca da estruturação interior e sobre a elevada credibilidade que esses edifícios têm em Lisboa. Os novos interlocutores também verificaram que a obra tinha uma organização pouco compreensível e, consequentemente, a intervenção no duplex seria uma aposta difícil.

Como o piso superior já tinha sido modificado pelos proprietários anteriores, quebrando e alterando as paredes, não houve a possibilidade de percepcionar a organização existente. Por esse fato, menciona-se essencialmente o projeto realizado no piso da entrada. O andar superior ficou basicamente definido pela criação de muitos armários exigidos pelo cliente e pela clarificação e aumento da instalação sanitária.

No piso 0, as condicionantes do cliente revelavam-se na diversidade dos armários, nas bancadas na cozinha e num estimável conjunto de prateleiras da sala para livros pequenos e grandes. A instalação sanitária por debaixo da escada deveria ter ducha, como tivera outrora num espaço tão diminuto.

Todas as paredes foram retiradas no piso 0, ficando somente a estrutura e os planos limites. Com essa ação, desapareceu a relação ambígua entre pilares e paredes interiores, permitindo projetar a relação entre estrutura e clarificação de planos, segundo Giedion (2004).

As primeiras propostas tiveram a intenção de soltar os novos planos da estrutura, procurando, desse modo, que os pilares

e as vigas ficassem aparentes, assim como a laje mais baixa das varandas que se projeta do exterior para o interior. No entanto, os designios iniciais foram sendo desvanecidos com a dificuldade em articular o desenho da organização espacial pretendida pelo cliente e o desenho existente da relação entre espaço e estrutura de suporte: pouco prática e inadequada.

O posicionamento dos pilares, contestado na tese de doutoramento pela estranha proximidade das paredes exteriores e das paredes da galeria de circulação do edifício, foi principalmente sentido nessa fase. Agravando essa situação, o desenho da estrutura realizada pelos engenheiros (ou pelo construtor) também era irregular, pois a relação pouco compreensível entre a junção das vigas e dos pilares era notória (FIG. 21).

A diversidade no posicionamento das cozinhas e instalações sanitárias em todo o edifício obrigou a construção de várias *courettes* técnicas para as ventilações, e condutas de águas e esgotos, gerando muitas saliências e reentrâncias nas paredes (adicionando ainda mais dificuldades e reptos ao novo projeto).

Com relutância, abandonou-se a intenção de deixar as vigas aparentes, recorrendo-se aos tetos falsos para disfarçar essas estranhezas. Mas a diferença entre os 2,40 m do pé-direito sob a laje da varanda projetada para o interior e os 2,70 m do apartamento veio acrescentar outra contrariedade, tanto nas salas como na cozinha, para a delineação do teto falso que se pretendia simples e pouco rebuscado para regularizar uma situação irregular.

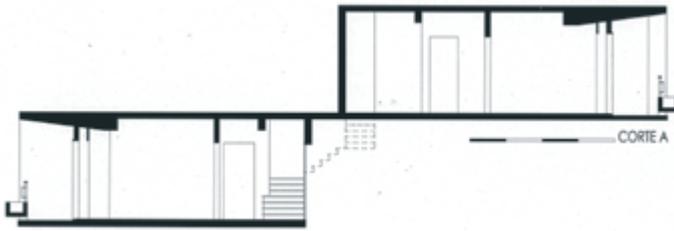
O teto falso veio permitir a colocação do circuito das infraestruturas no seu interior, facilitando a recuperação dos pavimentos e das escadas.

A instalação sanitária por debaixo da escada do vizinho também não foi fácil de gerir na tentativa de melhorar o posicionamento dos sanitários preexistentes. Não era compreensível que, nesse espaço tão reduzido, estes pudessem ter funcionado anteriormente. Facilitou a interferência do construtor, que realizou uma ligeira alteração das paredes das infraestruturas, aumentando a largura desse espaço.

A escada foi resistindo e vencendo as alterações intermédias que surgiram no meio de diversos estudos prévios, como a criação de um movimento com tetos falsos de diferentes alturas para atenuar o estrangulamento.

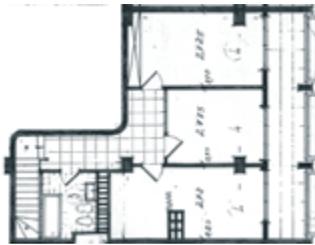
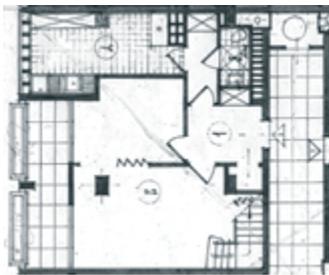
A demolição da parede que dividia a escada e o piso 0, substituída por um conjunto de prateleiras e planos que rematavam com o painel da porta da instalação sanitária (ver planta na FIG. 11 ou fotografia na FIG. 16), levou luz para o seu interior (FIG. 23 e 24) e desvaneceu o “tradicionalismo” criticado na tese. Essa ação tapou o desenho “convencional” dos primeiros degraus e aproximou ligeiramente a escada ao princípio da planta livre.

O piso da entrada assim como o piso superior ficaram definidos por uma relação entre equipamento; armários encerrados e estantes e espaço independente da estrutura do edifício, segundo uma das regras da Arquitetura moderna definida pelos historiadores (FIG. 11 e 12).



Figuras 7 e 8 • Corte e planta do existente dos pisos 0 e 1 (incluem as paredes que foram demolidas no piso superior)

Fonte: Soledade Sousa



Figuras 9 e 10 • Planta do piso 0 e planta do piso 1 estudadas em 2002

Fonte: Soledade Sousa



Figuras 11 e 12 • Planta do piso 0 e planta do piso 1: projeto de alterações

Fonte: Soledade Sousa

## Considerações finais

A apresentação dos resultados obtidos em 2002 mostra uma afinidade com a crítica de Pedro Vieira de Almeida (1986), contrariando as principais referências da História da Arquitetura portuguesa, de França (1984), Tostões (1997) e Duarte (1986). As deduções sobre o edifício pendiam para o conjunto de críticos que considerava pouco evidente a introdução da Arquitetura moderna em Lisboa.

Numa leitura posterior, considerou-se que essa introdução pouco evidente gerou aspectos positivos. Foram as próprias contradi-

Figuras 13 a 24 • Fotografias do apartamento antes e depois, com vistas semelhantes do existente e da alteração

Fonte: Soledade Sousa



ções internas do edifício, a conjugação de resquícios desse “tradicionalismo” que o afastava do epíteto “Arquitetura moderna” usado pela maioria dos historiadores, levemente rejeitadas em 2002, que provocaram sensações diversas no regresso ao lugar.

O novo estudo compunha um posicionamento diferente do observador. A sua relação com esse edifício da Avenida EUA, que curiosamente teve início numa investigação académica, colmatou num trabalho profissional com o projeto de recuperação de um dos seus apartamentos.

Ambas as observações e investigações foram inquiridoras, uma na direção do passado e outra na do futuro. E foi esse sentido que alterou o olhar. Nos dois tempos, existiram duas leituras coincidentes nas conclusões, mas diferentes nos objetivos.

Na primeira, o fascínio inicial pela aparência dos edifícios, semelhante aos dos historiadores, foi sendo dissipado pela verificação das disparidades encontradas. Essas características começaram a ser descobertas no exterior e intensificaram-se consecutivamente na relação entre aparência externa e organização espacial interna.

Na segunda, as disparidades tiveram outra leitura ao surgirem como geradoras para uma ideia projetual. No exterior, não era somente o posicionamento urbano ou a cor magenta que os destacava, tornando-os atrativos: era também a justaposição dum certa amálgama nos diversos pormenores mencionados. Mesmo que, ao longo da sua intervenção, o projetista também estivesse próximo das críticas racionais de 2002.

Nesse sentido, os mesmos dados adquiriram diversas interpretações em tempos e posicionamentos diferentes. Foram criadas duas leituras complementares: a distância temporal permitiu rematar a primeira observação, preenchendo-a com o seu contrário, para novamente regressar à anterior quando o observador teve de agir, ou seja, fazer o projeto de alterações.

Na segunda intervenção, verificou-se que, com pequenos ajustes, os autores dessa obra poderiam ter obtido uma relação mais intrínseca entre interior e exterior.

A observação distante do crítico passou para uma observação próxima. O que era primordial para construir um discurso num determinado tempo para demonstrar que o edifício era “semi-moderno”, segundo o estilo internacional, foi importante para trabalhar num tempo mais alargado.

A descrição e a crítica posterior na tese desenvolveram-se essencialmente por uma leitura de dados para inseri-los num ponto da História e na divisão entre críticos (Pedro Vieira de Almeida) e historiadores (ver citações em 2.4) sobre a influência do Primeiro Congresso de Arquitetos Portugueses (1948) na habitação em Lisboa.

Durante investigação da tese, estudou-se o passado dos autores dessa obra e verificou-se que os seus projetos anteriores seguiam desenhos mais convencionais e que essa obra foi a primeira que se aproximou das vanguardas da primeira metade do século XX. O que nos leva a compreender articulação entre “tradicionalismo” e “internacionalismo” dos blocos da Av. EUA.

Dez anos na História correspondem a pouco tempo, mas, neste estudo, devido às diferentes condicionantes do observador, o tempo foi alargado. E a alteração da avaliação, pas-

sando de investigador acadêmico para interventor, adquirindo o papel de transformador do projetista, a intervenção trabalhou com uma matéria que variou aproximadamente 60 anos, entre o existente e o atual.

Concluindo, o projeto foi retificado por sua requalificação, pois não somente toda a metodologia foi reequacionada como também visou a uma melhoria. Esta que teve em conta não somente a preexistência edificada como também detectou erros e omissões no edifício, já revelados em 2002. Isso leva a crer que a requalificação arquitetônica é não só uma mais-valia nas condições da população como também provoca uma substancial melhoria nos edifícios existentes. Nesse caso, ajudou a compreender melhor o passado por meio dessa ação, entendida como uma reparação, alterando um dos equívocos da História.

## Referências

ALMEIDA, Pedro Vieira de. O Congresso de 1948: Dudok, Stevens e o Português Suave. In: DAGOBERTO, Markl; DIAS, Pedro (Org.). **História da Arte em Portugal**. v. 14. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 138-145.

ALMEIDA, Rogério. Edifícios no cruzamento da Avenida dos Estados Unidos da América com a Avenida de Roma. In: TOSTÕES, Ana; BECKER, Annette; WANG, Wilfried (Org.). **Arquitetura do século XX - Portugal**: catálogo da exposição em Lisboa e em Frankfurt. Lisboa: CCB, 1998.

CARVALHO, António Sérgio Rosa de. Sol no Estoril, delírios em Lisboa. **Jornal Público**, Lisboa, p. 56, 10 ago. 2002.

DUARTE, Carlos. **Tendências da arquitetura portuguesa**: catálogo da exposição. Lisboa: [s.n.], 1986.

FRANÇA, José Augusto. **A arte em Portugal no século XX**. Lisboa: Bertrand, 1984.

GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e arquitetura**: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HITCHCOCK, Henry-Russel; JOHNSON, Philip. **El estilo internacional**. Madrid: Colección de Arquitectura 11, 1984.

ROWE, Colin. **Manierismo y arquitectura moderna y otros ensayos**. Barcelona: col. GG reprints, 1950; 1999.

SEGURADO, José; FIGUEIREDO, Filipe. **Memória descritiva e justificativa do projeto da Av. EUA. 102**. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa, Processo 53206, 1953.

SIMÕES, João. Testemunhos. João Simões: uma serenidade objectiva. Entrevista concedida a Pedro Vieira de Almeida e Fátima Ferreira. **Jornal dos Arquitectos**, Lisboa, n. 77/78, p. 7-11, 1989.

SOUSA, Soledade Paiva de. **La vivienda en Lisboa después del primer congreso de arquitectos portugueses de 1948**: continuidad, ruptura y revisión. Madrid, 2007. 361p. Tese (Doutorado em Projeto de Arquitetura) - Escuela Superior de Arquitectura, Universidad Politécnica de Madrid, Madrid, 2007.

TOSTÕES, Ana. **Os verdes anos na Arquitetura portuguesa dos anos 50**. Porto: Edições FAUP, 1997.

Recebido em: 06/06/2015

Aprovado em: 04/09/2015